



APRESENTA

# TOMIE OHTAKE

100 - 101



## **TOMIE OHTAKE** 100-101

Com o intuito de dar prosseguimento ao debate que as obras de Tomie Ohtake, ao longo de sua trajetória, sempre despertaram, o Instituto Tomie Ohtake realiza a mostra *Tomie Ohtake 100-101*. São apresentados trabalhos produzidos pela artista durante os anos de 2013 e 2014. Incentivado por um percurso da artista que atravessou gerações e importantes momentos da produção artística brasileira, o NAPE (Núcleo de Ação e Pesquisa Educativa) do Instituto Tomie Ohtake desenvolveu esta publicação para propor experimentações na formação continuada de alunos, educadores e professores. Atuando também como um desdobramento da exposição, a publicação, ao mesmo tempo, lança perguntas e é superfície porosa a ser acrescida de muitas camadas, de maneira autônoma e autoral.

A obra de Tomie Ohtake se amplia por significativas linhas, que se reverberam e se ramificam por entre linguagens e experimentações ao longo da recente história da arte brasileira. Nesta publicação, convidamos você a revisitar esses dois percursos que se entrecruzam, reinventar relações entre os personagens e poéticas que se fizeram presentes nesses cenários e visualizar o processo de construção da artista inserido nessa trama.

A linha do tempo que se organiza desde os anos 1950 tem a poética de Tomie Ohtake como uma espécie de núcleo em torno do qual orbitam artistas, suas obras e alguns fatos que ressaltam aspectos do cenário cultural da época. No verso da linha do tempo, corre o “rio de referências” — comentários que trazem à tona reflexões críticas e questionamentos escritos no calor do momento de cada década. E há também três verbetes com citações da artista sobre o usufruto da cor, seu entendimento sobre sua “geometria curva” e a relação com o espaço. Tomie descreve suas ações, assumindo seus critérios, suas intencionalidades e como age diante de sua obra, que indicam, segundo o pesquisador Miguel Chaia, “a necessidade de alcançar uma forma de conhecimento intuitivo do significado da presença no mundo”.

I Bienal de  
São Paulo, 1951

"comunicação de formas,  
de uma estrutura - conteúdo"  
(plano-piloto da poesia concreta, 1958)

I Salão do  
Grupo Seibi (1952)

1950

Manifesto do  
Grupo Frente, 1956



**Sem título, 1959**  
Óleo sobre tela / 100 x 70 cm  
Coleção particular

Exposição de Arte  
Neoconcreta (1957)

Manifesto Ruptura, 1952

Ruas e vistas da cidade presentes nas pinturas de Tomie começam a dar espaço para formas, linhas e campos de cor. A artista experimenta um traçado à mão livre, construindo um caminho rumo à abstração. São desse momento as *Pinturas Cegas*, telas realizadas pela artista com os olhos vendados. A produção dessas imagens era uma espécie de manifestação da própria ação, pensamento e materialidade do mundo.

Gerardo de Barros Nelson Leirner Frederico Nassar

Rex Gallery & Sons, 1966

Wesley Duke Lee Carlos Fajardo José Resende

Exposição  
Nova Objetividade  
(1967)

"O Museu como laboratório"

Walter Zanini  
(à frente da diretoria do  
do MAC-USP, 1963-1978)

1960

Roda dos Prazeres,  
Lygia Pape, 1968



Bichos,  
Lygia Clark, 1961

Parangolé,  
Hélio Oiticica, 1967

Pop-cretos,  
Waldemar Cordeiro (1954)

**Sem título, 1969**  
Serigrafia / 47,7 x 66,5 cm  
Coleção particular

Exposição Opinião 65

A pesquisa de Tomie adere a distintas questões: as pinceladas gestuais, os riscos que retiram tinta da tela e a superfície constituída por amplos campos de cor são substituídos por áreas de cor mais delimitadas e formas retangulares compondo os fundos. A artista se vale da repetição como elemento constituinte de suas obras e efetua pinturas a partir de estudos provenientes de colagens que realiza com papéis coloridos. A gravura adentra o universo poético de Tomie. Nesse momento, suas serigrafias e pinturas estão em constante diálogo. As cores chapadas em seus trabalhos se justapõem e, aos poucos, texturas e sobreposições vão ocorrendo. Juntamente com artistas como Sérgio Camargo, Rubens Gerchman, Antônio Dias e Burle Marx, Tomie Ohtake se nega a participar da X Bienal de São Paulo (1969), contra a ditadura militar.

Revista Malasartes, 1975-1976

Inserções em circuitos ideológicos,  
Cildo Meireles, 1970

Livro Paulo Baravelli Carlos Fajardo

Escola Brasil, 1970

José Resende Frederico Nassar

Datiloscritos,  
Mira Schendel, 1974

Trajetoária em  
Progressão geométrica,  
Raimundo Colares, 1970



**Sem título, 1970**  
Óleo sobre tela / 201,3 x 171,5 cm  
Coleção particular

Flans,  
Antônio Mannel (1970)

Livro da criação,  
Lygia Pape, 1975

## 1970

A produção de Tomie Ohtake passa, novamente, por transformações significativas. Durante a década de 1970, os limites entre formas e cores vai tornando-se mais claro, configurando espaços e texturas bem delimitadas. A artista segue realizando estudos para pinturas, agora recortando, com auxílio da tesoura, papéis coloridos. Tais experimentos deixam nítida sua busca em obter efeitos de cor e texturas provenientes da página impressa. A gravura torna-se bastante presente no percurso de Tomie.

Fábio Miguez  
Paulo Monteiro  
Rodrigo Andrade  
Casa 7  
Carlito Cavalcante  
Nuno Ramos

A Capela do Morumbi passa a abrigar atividades culturais, instalações e concertos musicais (1980)

## Como vai você, geração 80?

O livro carbono,  
Waltercio Caldas, 1980

(exposição na Escola de Artes  
do Parque Lage, Rio de Janeiro, 1984)

## 1980

Leo não consegue  
mudar o mundo,  
Leoniilson, 1989



Sem título, 1985  
Escultura em aço  
20 metros de diâmetro

Mutações cromáticas,  
Israel Pedrosa, 1987

Quadrados,  
Sérvulo Esmeraldo, 1987

Morfos,  
Regina Silveira, 1981

Inauguração  
do Centro Cultural  
São Paulo (1982)

Entre a Mancha e a Figura,  
com curadoria de Frederico  
Morais (1982)

Tomie realiza suas primeiras incursões tridimensionais. Muitas dessas experimentações devem-se a uma vontade de expandir sua pintura para o espaço e para outros suportes. Em 1988, a artista realiza uma obra pública em concreto armado na Avenida 23 de Maio, em São Paulo, em comemoração aos 80 anos da Imigração Japonesa.

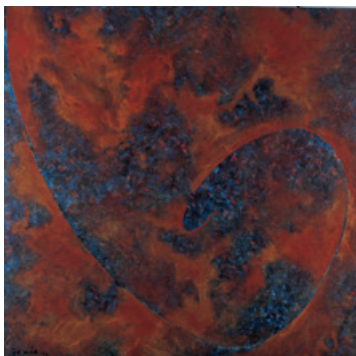
Exposição Internacional  
de Esculturas Efêmeras,  
com curadoria de Sérgio Esmeraldo,  
entre 1986 e 1991

Acelera Dem,  
Barrão e Luiz Zerbini, 1992

Primeira Edição do Arte/Cidade,  
São Paulo (1994)

Ela que nós está,  
Daniel Semse, 1994

1990



O Fígado,  
Leda Catunda, 1990

Laceratio, José Rufino

**Sem título, 1993**  
Acrílica sobre tela / 170 x 170 cm  
Coleção particular

Antártica Artes com Folha, 1996

As pinceladas voltam à cena: entre o movimento controlado do pincel e o des controle assistido da matéria, Tomie Ohtake produz pinturas em que forma e fundo se interpenetram. Também aparecem pinceladas sobre planos de cor que geram sensações de transparência e profundidade. A tinta acrílica, incorporada desde o final dos anos 1980, possibilita diluições e mesclas entre um número maior ainda de camadas de cor na tela. Tomie ilustrou, com suas gravuras em metal, o livro *Yu-Gen* (1998), sobre o Japão, do poeta Haroldo de Campos.

# Rumos Artes Visuais

## Itaú Cultural, 1998-2013

Marcelo Solá

"Volpi, a Máscara da Cor",  
retrospectiva de  
Alfredo Volpi (2006), no MAM-SP

10 portas,  
Vânia Mignone, 2008

sem título,  
série de monotipias  
produzidas  
nos anos 2000,  
Carlos Vergara



Night Fever,  
Lucia Koch, 2009

## 2000

**Sem título, 2006**  
Acrílica sobre tela / 100 x 100 cm  
Coleção particular

O que não as horas,  
Nuno Ramos, 2003

O círculo, a espiral, os planetas e as células. Já madura em seu desenvolvimento, Tomie Ohtake seguiu obstinada a reinventar-se dentro do repertório de técnicas e materiais que já lhe eram tão familiares. Para isso, ao invés de apostar a cada ano em formas novas, concentrou-se nos círculos como signos recorrentes e reinventados pela ausência ou ênfase nos contrastes cromáticos, maior ou menor vibração das linhas, profundidade de aparência cosmológica ou aderência à superfície da pintura. A cada nova série de pinturas, público e crítica enxergaram astros celestes, células microscópicas, organismos marinhos, ideogramas orientais, símbolos zen... para toda e qualquer interpretação, a artista apenas sorria, dizendo que o importante não era o que as formas representavam, mas o que o espectador podia projetar sobre elas.



Luis Paulo Baravelli,  
Para Tomie, 1973

Claudia Andujar, Monte Roraima  
(rochas e vegetação), 1971/2002

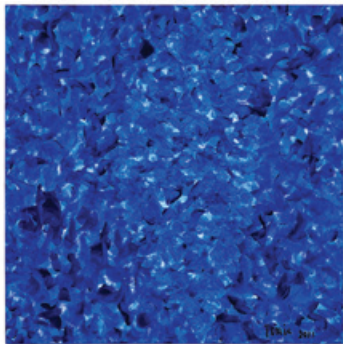
2010

Carmela Gross, Asa, 1995

Dudi Maia Rosa

Gildo Meireles,  
Épuras Absurdas, 1991

Lij Chaia,  
Desenho-corpo, 2001



Mira Schendel

Carla Chaim,  
Lua Nova, 2013

Cadú, Idades,  
1998-2005

Carlos Fajardo

**Sem título, 2013**  
Acrílica sobre tela / 100 x 100 cm  
Coleção particular

Jac Lerner  
Pulmão (múltiplo), 1987

Como parte das comemorações do centenário da artista, o Instituto Tomie Ohtake realizou três exposições: *Correspondências*, *Influxo das Formas* e *Gesto e Razão Geométrica*. Na primeira delas, são propostas relações e fricções entre a produção de Tomie desde 1956 até 2013 e obras de artistas contemporâneos. A partir de alguns dos campos de interesse da artista — a cor, o gesto e a textura, revelam-se diálogos imprevistos entre sua poética e a arte contemporânea brasileira.

# COR

*“Rothko é um dos artistas que admiro bastante. Alguns trabalhos meus, da década de 1960, chegaram a cruzar com os dele. No caso dele, o encontro das cores se dá de uma forma em que uma cor repousa sobre a outra. No meu caso, elas criam uma ruptura, aparecendo então uma linha. Essa é a diferença fundamental: a cor do Rothko se espalha por cima da outra cor, enquanto a minha recorta uma superfície da cor existente e nesse vazado ponho uma outra cor”*

(Tomie Ohtake em entrevista a Miguel de Almeida, 2006)

## RIO DE REFERÊNCIAS

1950

*“Um quadro abstrato não representa, mas se apresenta. Um quadro abstrato não exprime, mas se exprime. Um quadro abstrato em si mesmo já é uma presença e significa só ele mesmo”*

(Samson Flexor, 1956)

## ação poética

A cor pode ser pensada como uma composição que se estabelece em um espaço pictórico nas relações entre elementos dispostos: próximos, distantes, sobrepostos, divididos por linhas, entremeados por espaços em branco ou atravessados por outras cores. Proponha a seus alunos a construção de uma composição cromática coletiva. Vocês podem usar tinta, lápis ou mesmo recortes de revistas e jornais. Discutam, durante o processo, as possíveis relações que diferentes cores e formas podem apresentar quando estão ocupando um espaço.

Discutam também a construção de um espaço para a diversidade, em que todos os gestos, perspectivas, ações e motivações possam conviver e dialogar em suas diferenças. Tais cenas de dissenso se constituem, segundo Jacques Rancière, quando “ações de sujeitos que não eram, até então, contados como interlocutores irrompem e provocam rupturas na unidade daquilo que é dado como certo ou como padrão”. E, assim, passam a colaborar e compactuar para desenhar novas maneiras de pensar experiências coletivas.

**1960**

*“Tudo o que era antes fundo, ou também suporte para o ato e a estrutura da pintura, transforma-se em elemento vivo; a cor quer manifestar-se íntegra e absoluta nessa estrutura quase diáfana, reduzida ao encontro dos planos ou à limitação da própria extremidade do quadro” (Hélio Oiticica, 1962)*

1970

*"O que eu queria fazer naquele momento era algo que fosse coletivo e que as pessoas pudessem repetir sem que eu estivesse presente. O Ovo e o Divisor são estruturas tão simples que qualquer pessoa pode repetir. Ideologicamente, esse tipo de proposta seria uma coisa muito generosa, uma arte pública da qual as pessoas poderiam participar. [...]"*  
(Lygia Pape, 1968)

1980

*"À pintura, pois. / Para o que der e vier. / De preferência sem dor. / Com prazer e paixão. / Emoção à flor da tela. / A pintura está aí. Entrando pelos poros, pelo nariz, pelos ouvidos, indo direto ao coração ou às entranhas, antes mesmo de passar pelo cérebro. A componente conceitual da nova pintura é esta espécie de prática arqueológica que leva o artista a buscar na história da arte o que antes buscava na natureza"*  
(Frederico Morais, 1983)

## RELAÇÃO COM O **ESPAÇO**

*"A obra que fica no espaço público tem necessariamente que conversar com o espaço e com o público. Isso é fundamental para um painel, uma escultura ou outro trabalho que não as tradicionais pinturas ou obras em outras dimensões. Você me pergunta como concebo o espaço. Ora, olhando o espaço e perguntando como o público vai interagir com a obra: quais as perspectivas, o que há na frente, atrás, dos lados, a que distância as pessoas vão ver e até onde se aproximam, por onde passa o olho etc. Isso determina a forma, a cor, o material..."*

(Tomie Ohtake, em entrevista à revista ArtNexus, 2005)




1990

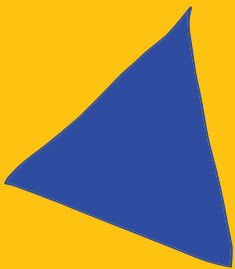
*“Faz-se, no Brasil, uma arte que fere e cura. (...) A arte brasileira já se curou de uma síndrome da razão. Livrou-se do papel de ser uma espécie de encarnação do Verbo, ilustração de teorias. Desde o conto ‘O alienista’, de Machado de Assis, que a cultura do Brasil não sabe — e não quer saber — dos limites entre razão e loucura desbordadas”*

(Paulo Herkenhoff, 1997)

## ação poética

Uma obra de arte contribui para redesenhar um espaço. Um lugar e seus aspectos podem ser um contexto que atribui características a uma obra de arte e podem até transformar as percepções sobre ela. Experimente com seus alunos mudar os móveis — cadeiras, carteiras, mesas, instrumentos utilizados em sala de aula — de lugar. Eles também podem criar formas que interfiram neste espaço. Proponha que todos reflitam sobre os usos e os lugares que esses móveis e formas ocupam no cotidiano de vocês e como o espaço se transforma com esses gestos. Vocês podem também acrescentar desenhos e imagens produzidos por todos. Assim, talvez o espaço de convivência se modifique ainda mais.





# GEOMETRIA CURVA

*A linha reta não é natural, por isso eu nunca quis usar nem régua nem compasso. Mesmo os círculos mais arredondados foram feitos usando meu braço como medida e instrumento”*

(Tomie Ohtake, em conversa com Paulo Miyada, 2013)

**2000**

*“Tirando partido da orientação ‘paisagística’ de suas gravuras, Tomie Ohtake ocupa-se com linhas orgânicas, ondulações suaves e desencontradas”, segundo Agnaldo Farias.*



2010

*“Desde que completou 100 anos, em novembro de 2013, a artista japonesa radicada em São Paulo tem experimentado pinturas monocromáticas, em geral, brancas. Pinturas de branco, seria melhor dizer – da mesma forma que os franceses dizem d’eau, du pan, du sable. Não são formas tingidas com pigmento branco, nem são somas de pedaços e elementos brancos sobrepostos, são gestos pictóricos feitos do próprio branco, como uma grande massa cromática uniforme que se acumula e se espalha pela tela. A areia e a água são substâncias indivisíveis: não faz sentido falar em ‘uma água’, mas em uma dada quantidade delimitada por um recipiente: ‘um copo de água’. Da mesma forma, as pinturas novas de Tomie são ‘telas de branco’, ou ‘de vermelho’ e ‘de azul’, nas obras mais recentes” (Paulo Miyada, 2014)*

## ação poética

As unidades de medição estão entre as primeiras ferramentas inventadas pelo homem. E algumas surgiram a partir de tamanhos de partes do corpo humano, como, por exemplo, pés, polegadas. Com os avanços científicos e as expansões econômicas, a necessidade por unidades com maior precisão de medidas exigiu um sistema padrão e, então, alguns sistemas de medidas se difundiram pelo mundo. Sugira aos seus alunos que eles explorem o espaço em que convivem. E tentem cartografá-lo e desenhá-lo a partir de referências e relações traçadas com parte do corpo deles ou de um colega. Assim, vocês podem juntos repensar o espaço e a forma como o representam e usufruem dele. O corpo pode ser um dos instrumentos para essa ação.

Instituto Tomie Ohtake **PRESIDENTE** Ricardo Ohtake **CURADOR** Agnaldo Farias, consultor **PRODUÇÃO** Vitoria Arruda, diretora  
André Luiz Bella Carla Ogawa Carolina Pasinato Eloise Martins Lucas Fabrizzio Naihah Mendonça Regina Viesi Rodolfo Borbel  
**ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS** Roberto Souza Leão Veiga, diretor Bruno Damaceno Carlito Oliveira Junior Joseilda Conceição Michelli  
Romão Ferreira de Almeida Willian dos Santos Amanda Silva Oliveira, jovem aprendiz Lucas Castro Nascimento, jovem aprendiz  
**NEGÓCIOS** Ivan Lourenço, diretor Ariane Duarte Fernando Pinho Flavio Silva **ASSUNTOS INSTITUCIONAIS** Paula Signorelli Agnes Mileris  
Simone Alvim **AÇÃO EDUCATIVA** Ana Luiza Bringuente, coordenadora da Ação Educativa Fernanda Beraldi **PRODUÇÃO E ELABORAÇÃO DE  
PROJETOS EDUCATIVOS** Elisa Matos, coordenadora Felipe Tenório Simone Castro **NÚCLEO DE AÇÃO E PESQUISA EDUCATIVA** Galciani Neves,  
coordenadora Fábio Tremonte, coordenador **EDUCADORES** André Castilho Pinto Divina Prado Julia Viana Juliana Cappi Lorena  
Pazzanese Melina Martinho Pedro Costa Priscila Menegasso **NÚCLEO DE CRIANÇAS E JOVENS** Luis Soares, coordenador Victor Santos  
**COORDENAÇÃO DE FINANÇAS DA AÇÃO EDUCATIVA** Maurício H. Yoneya **PRODUÇÃO EXECUTIVA DA AÇÃO EDUCATIVA** Jane Santos **NÚCLEO DE PESQUISA  
E CURADORIA** Paulo Miyada, coordenador Carolina de Angelis Julia Lima Olivia Ardui Priscyla Gomes **ASSESSORIA DE IMPRENSA** Pool  
de Comunicação Marcy Junqueira **DESIGN GRÁFICO** Ricardo Ohtake Monica Pasinato Rodrigo Pasinato Nazareth Baños **INFORMÁTICA**  
André Biacca **DOCUMENTAÇÃO** Marcos Massayuki Sutani Neuza Narimatsu **SECRETARIA** Deolinda Correia de Almeida Maria de Fátima da  
Silva Rocha André Lima da Silva **COORDENAÇÃO OPERACIONAL** Alexandre Lopes Pereira Wagner Antônio Barbosa, supervisor **APOIO TÉCNICO**  
Sílvio Santos Lima Jacildo Antonio de Paula Adilson Oliveira da Silva Pedro Mario **MONTAGEM** Ricardo Soares da Silva Fabio Campanhola  
Carlos Eduardo Ferreira Elias Joaquim Luis Fernando Rocha **ILUMINAÇÃO** Marcos Franja

Instituto Tomie Ohtake

**REALIZAÇÃO** Ação Educativa do Instituto Tomie Ohtake **DIREÇÃO GERAL** Ricardo Ohtake **COORDENAÇÃO** Ana Luiza Bringuente  
**CONCEPÇÃO** Fábio Tremonte Galciani Neves Fernanda Porto **TEXTO** Galciani Neves Fábio Tremonte  
**PROJETO GRÁFICO** Casa 202 / Fernanda Porto Filipe Acácio **REVISÃO DE TEXTO** Sílvia Balderama



ORGANIZAÇÃO

APRESENTADOR

APOIO



NOVAS IDEIAS FACILITAM SUA VIDA



ALTO DE PINHEIROS

APOIO DE MÍDIA

REALIZAÇÃO



Ministério da  
Cultura

